Ano XIX — Lisboa, Junho de 1963 — N.º 218

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A MENTIRA

Conta Baden-Powell no livro «A Caminho do Triunfo» que um agente da contra-espionagem estrangeira lhe dissera que, se alguma vez suspeitasse de que alguém fosse um oficial britânico disfarçado, tinha uma fórmula infalível de o descobrir: entrava em conversação com ele e na primeira oportunidade chamava-lhe mentiroso. Por mais exímio que o oficial fosse em dissimular a sua verdadeira identidade, se lhe chamasse mentiroso não poderia deixar de explodir contra o insulto e trair-se. *Assim é* — comenta o Fundador — *o epíteto de mentiroso é punhalada para o homem honrado.*

Realmente a mentira é incompatível com um carácter bem formado e o homem sincero e honesto não pode faltar à verdade sem se sentir envergonhado. Não admira, pois, que o Fundador tivesse colocado à cabeça da Lei do Escoteiro, num sentido de prioridade e primazia que não pode passar despercebido, o artigo que afirma ser *o escoteiro verdadeiro, a sua palavra sagrada.* Tão importante é este princípio que as diversas versões e traduções do decálogo escotista mantêm este primeiro artigo, dando toda a ênfase ao facto da palavra do escoteiro merecer toda a confiança.

O respeito pela verdade é tão importante na vida social que é condição básica para que as relações entre os homens se desenvolvam num ambiente de dignidade e até de segurança. Uma sociedade que adopta a mentira como recurso tolerado ou desculpável iniciou o processo de corrupção e prejudicou irremediàvelmente a confiança entre os homens. E sem confiança não há vida de comunidade.

Afinal a mentira pouco aproveita àquele que a utiliza. Sàbiamente o povo diz que *mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo.* Descoberto o mentiroso, nem o mais ingénuo voltará a acreditar na sua palavra. Ainda recentemente tivemos ocasião de conhecer um homem que, colocado em posição de certa respeitabilidade e destaque, tal uso fez da mentira para atingir os seus objectivos, alguns honestos e justos, que a breve prazo se viu exautorado, exposto ao ridículo e ao desprezo daqueles que havia pouco o consideravam e estimavam. A mentira é uma forma de hipocrisia e o mentiroso caminha sempre para a indignidade.

Por outro lado, o homem que fala verdade conquista reputação e confiança. No comércio, actividade desacreditada pela falta de palavra de muitos que aí labutam, aquele que alcança conceito de homem verdadeiro tem o êxito garantido. Outro tanto poderíamos dizer do cientista, do político, do homem de letras, do funcionário, de todos aqueles que de alguma forma têm de merecer o crédito do público. Mas não é só perante os outros, perante si próprio o homem que fala verdade sente-se prestigiado, ganha um sentimento de autoridade e de respeito. *O respeito de si próprio* — diz Baden-Powell — *é elemento importante do carácter, e o homem que se não respeita (e não há ébrio, vadio, mentiroso ou mendigo que possa fazê-lo) não pode contar com que outros o respeitem.*

Recentemente em Inglaterra deu-se um facto que causou estupefacção em todo o mundo e ilustra bem estas considerações. Um estadista que cometera determinadas faltas apresentou o pedido de demissão do governo e do parlamento não em razão dessas faltas, mas porque tinha mentido a sua mulher, ao governo e ao parlamento. Para ele o mais grave e profundamente vergonhoso não eram as faltas de que tinha sido

———→

A morte de João XXIII

«*Toda a árvore boa dá bons frutos*», são as palavras de Jesus com que fez compreender aos discípulos a vocação daqueles que, escutando os Seus ensinamentos, se sentem voluntàriamente constrangidos — permita-se a contradição — a realizar as boas obras que devem caracterizar a inspiração encontrada nos preceitos cristãos.

Aproveitando esta sugestiva imagem, é lícito afirmar que João XXIII foi árvore frondosa, cujas ramagens oferecem, não o fruto temporão, pouco grato ao paladar, mas suculentes pomos, amadurecidos em tempo conveniente e dourados pelo sol maravilhoso do Amor.

As Encíclicas que legou ao mundo católico, eloquentes lições, ditadas por uma alma bondosa, revelam admirável oportunidade, pois aí são analisados, com discernimento, os mais angustiosos problemas dos nossos dias, para os quais se preconizam soluções justas e adequadas.

Todavia, se foram inexcedíveis de sabedoria e de utilidade os ensinamentos que nos transmitiu pela palavra escrita, é comovedor o exemplo de simplicidade e nobreza que a sua vida constitui. Realmente, raras vezes a humildade terá alcançado tão harmoniosa expressão como nos diversos passos da vida de João XXIII. É que Ângelo Roncalli revelou, desde cedo, uma arreigada vocação para exercer, dedicada e abnegadamente, as mais trabalhosas missões, sempre com o su-

Pág. 3 ———→

Assinantes Patrocinadores

Muitos amigos dedicados de «Sempre Pronto» corresponderam ao nosso apelo e deram a sua adesão à categoria de ASSINANTES PATROCINADORES, o que proporcionou a mais viva satisfação a todos os que trabalham em SEMPRE PRONTO. Sinceramente agradecemos a cada um dos amigos que nos enviou o postal de resposta sem franquia devidamente preenchido.

Como ainda estamos a receber alguns postais e sabemos que mais amigos estão prontos a dar-nos a sua adesão, só no próximo número publicaremos a lista de todos os Patrocinadores, o que agora não poderíamos mesmo fazer por falta de espaço.

Falta de Espaço

Novamente ficou retido noticiário, as páginas do Escoteiro e de Recreio, e o Concurso do Mês, que esperamos publicar no próximo número.

ANTIGOS ESCOTEIROS

TERTÚLIA DE MAIO

Terminado o jantar, que decorreu no ambiente habitual, a assistência foi transferida para a sede da Fraternal para escutar a palestra que seria proferida pelo Companheiro Ernesto de Sousa, a fim de que a mesma decorresse em família.

Formada a mesa, presidiu o sr. Ernesto de Sousa, tendo à sua direita o Rev. Eduardo Moreira e à sua esquerda o sr. Quintino Pinheiro. O orador foi apresentado pelo sr. rev. Moreira. Não é possível dar uma resenha da magnífica lição que o companheiro Ernesto de Sousa proferiu em tom de conversa familiar, mas que prendeu a atenção sempre crescente dos ouvintes.

Começando por se referir à América desde os seus primórdios e à ida dos primeiros colonos ingleses que, saídos da sua pátria em caravelas que levavam três meses a atingir o continente americano, ali se estabeleceram privando com os então índios peles-vermelhas, Ernesto de Sousa deu nos uma síntese admirável das dificuldades que esses primeiros colonos viveram e, como no desbobinar de um filme, traçou-nos um quadro da vida social e económica do povo americano, das particularidades diferentes de cidade para cidade e das características que definem o modo de vida e a mentalidade dos americanos e dos naturais de outros países, que emigraram para os Estados Unidos, explicando a forma como ali são recebidos e amparados, narrando factos da sua própria experiência quando, há 40 anos, ali chegou.

Em determinada altura da sua palestra, surgiram diversas perguntas, transformando assim em colóquio a reunião, que prendeu particularmente a atenção do elemento feminino quando o companheiro Ernesto de Sousa dissertou sobre a vida da mulher naquela nação.

Dado o interesse que despertou esta palestra, pensa a Fraternal promover a sua repetição com mais ampla projecção em lugar a designar oportunamente.

Foram lidas comunicações dos srs. dr. Eugénio Ramos, eng.º Nobre Santos e Albano da Silva, justificando as suas ausências.

Entre os presentes, recorda-nos ter visto os srs. brigadeiro Esteves Pereira e sua esposa sr.ª D. Maria Luísa; Luís Esteves Pereira e esposa, Alfredo Gallis, Wolfgang Karl, Daniel Correia, rev. Moreira, esposa e cunhada, D. Lucinda Pacheco; Ernesto de Sousa, Quintino, Humberto Martins, esposa e filha; Mariano Inácio e esposa, Luís Aurélio e esposa, Manuel Tacão Monteiro e esposa, Ernesto Nascimento e esposa, Dionísio dos Santos, esposa e filhos; Jaime Ferreira, João Henriques Soares, António Augusto da S. e Cunha, Américo Tavares Ferreira, Fernando Figueiredo, Alexis F. Casulo e Madeira Leitão.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Finlândia

No Domingo, 28 de Abril passado, 10000 escoteiros e guias (escoteiras) desfilaram em Helsínquia perante o Presidente da República em comemoração do Dia do Escoteiro. Foi um espectáculo de esperança ver marchar a juventude finlandesa, sobretudo os lobitinhos, que, apesar de não saberem marchar muito bem, desfilavam muito conscientes da importância da comemoração e com os olhos radiantes de fé e alegria.

O Escotismo Japonês e os Jogos Olímpicos Mundiais

Os Escoteiros do Japão, em cooperação com outras organizações de juventude, vão estabelecer e administrar um campo de juventude perto do local dos Jogos Olímpicos, que se realizarão no próximo ano perto de Tóquio.

No referido acampamento poderão ser alojados cerca de 2000 jovens de 15 a 25 anos de idade, acompanhados de seus dirigentes, durante o período de 8 para 25 de Outubro. Os organizadores deste acampamento informam que os campistas terão de tomar parte no programa do acampamento e na parada que então se realizará e noutras comemorações.

A participação escoteira neste acampamento está sendo coordenada pelo sr. Kazumi Kobayashi, chefe escoteiro executivo dos Escoteiros do Japão.

11.º Jambori Mundial

Prosseguem activamente os preparativos para o próximo Jambori Mundial, que se realizará nos históricos campos da Maratona, na Grécia, e terá a participação de escoteiros vindos de todos os continentes. O Governo e o Exército gregos cooperam intensamente na instalação do acampamento.

No fim de Março, o Ministro dos Negócios Estrangeiros grego convidou o Corpo Diplomático dos países que enviarão contingentes ao Jambori e expôs-lhes largamente as finalidades do grande acampamento, pedindo a todos os países para serem concedidas facilidades às respectivas representações.

Por sua vez, o governo grego resolveu conceder vistos consulares grátis a todos os Escoteiros participantes no Jambori

No dia 1 de Agosto, primeiro dia do acampamento, será emitida pelos Correios Gregos uma série de selos escoteiros.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Esteve de visita aos Escoteiros de Portugal

O Sr. Gilberth González Ulloa

Comissário Executivo Nacional de El Salvador

Esteve, recentemente, em Lisboa, tendo-nos dado o prazer de sua visita, acompanhado pelo Sr. Secretário Geral da A. E. P., o Sr. Gilberth González Ulloa, Comissário Nacional executivo da Associação dos Escoteiros de El Salvador.

Devido à exiguidade de tempo, não pudemos entrevistar demoradamente o nosso visitante, mas ainda pudemos colher dele alguns informes acerca da sua viagem, iniciada em Setembro do ano passado. Depois de haver frequentado na América do Norte um curso especializado, foi convidado a, por sua vez, dirigir, com outros, um curso de dirigentes em Israel, onde se demorou cinco meses e meio.

De Israel seguiu para Itália e Espanha, tendo estado demoradamente em contacto com os nossos camaradas de Barcelona e Valência. Depois de haver estado no Sul de Espanha, nomeadamente em Granada e Sevilha, aproveitou para vir a Portugal, daqui seguindo outra vez para Espanha, desta vez para se encontrar especialmente com os nossos irmãos escoteiros de Madrid.

De Espanha seguirá para França e Inglaterra, devendo, no Gilwell Park, além de frequentar um novo curso, auxiliar na direcção de um curso em língua castelhana.

Visitará, ainda, as associações escotistas da Bélgica, Holanda e dos países escandinavos, depois do que se encaminhará para a Grécia, a fim de assistir ao Jambori Mundial e tomar parte na Conferência Mundial.

Quando chegou a Lisboa, dirigiu-se, imediatamente, à sede da A. E. P., tendo apresentado, para ser registada e visada, a «Carta de recomendação internacional» e onde fez entrega de várias insígnias da sua Associação.

De harmonia com a resolução já tomada pela Direcção, o sr. Ulloa ficou hospedado no Refeitório da Junqueira, tendo-lhe sido proporcionadas visitas à cidade, a Alcobaça, Batalha e Fátima. Tomou contacto com antigos e actuais escoteiros, e visitou as sedes da Fraternal dos Antigos Escoteiros e o 2.º Grupo da A. E. P.

Na companhia do Eng.º José Maria Nobre Santos, D. C. C. em Portugal e do Secretário Geral da A. E. P., fez uma visita ao Campo Permanente da A. E. P, na Mata da Costa de Caparica, onde lhe foram mostradas as construções já levantadas, que achou excelentes, e lhe foram dadas, à vista de plantas e projectos, explicações acerca do que ali se pretende levar a efeito.

De Madrid enviou à Direcção da A. E. P. um ofício de que extraímos os seguintes passos:

Estimados amigos y hermanos Scouts:

Aún con la nostalgia de haber dejado esa bella Lisboa, quiero aunque sea por este medio, darles las más expressivas y sinceras gracias por las atenciones que me brindaram en mi estadía en ese país. – Creo que los Scouts de Portugal, con personas como Usteds con un gran espíritu Scout, siempre serán una verdadera muestra del buen Escultismo que se practica en ése.

Les diré con entera franqueza que siempre recordaré los buenos ratos de hermandad que hemos pasado.

Nuevamente muchas, pero muchas gracias por todo.

* * *

Com data de 14 de Maio, a A. E. P. recebeu directamente da Associação de El Salvador um expressivo ofício de saudações, agradecendo a forma como aqui foi recebido o seu representante.

A MENTIRA

acusado e inicialmente negara, mas o facto de ter mentido. Isso sim, tornava-o indigno da confiança que lhe tinham dedicado.

O Escoteiro deve ter este mesmo sentimento. A sua primeira obrigação é falar verdade e honrar a sua palavra de forma tal que mereça toda a confiança. Sentir-se-á indigno aquele que faltando à sua promessa use a mentira ainda que seja para se eximir a qualquer responsabilidade. *O escoteiro é verdadeiro, a sua palavra é sagrada.*

Grande serviço prestará o Escotismo à humanidade se insuflar este sentido de honra à mocidade dos nossos dias.



Um velho almanaque

Estava o Afonso trabalhando na sua biblioteca, quando o seu amigo americano entrou no aposento.

John Smith, que assim se chamava ele, viera em criança para Portugal com o pai, cônsul do seu país, e falava perfeitamente a língua de Camões.

— Há que tempos não te via, Afonso. Como tens passado?

— Óptimo, graças a Deus, meu caro John. Sempre com muito trabalho, como é costume.

O americano circunvagou os olhos pela sala. Em lugar de honra, via-se um busto de Camilo, o gigante das nossas letras. As estantes, até ao tecto, abarrotavam de livros, primorosamente encadernados.

— Esta biblioteca foi a que o teu avô Marcos te deixou em testamento?

— Justamente. Como em quase todas as bibliotecas, há muita literatura de cordel mas também abundam as obras de vulto. Quase todos os grandes escritores nacionais e estrangeiros, antigos e modernos, estão aqui representados.

John Smith olhou, ao acaso, uma estante:

— Aqui está uma colecção que deve ter pouco interesse. É a do Almanaque de Lembranças...

— Enganas-te, meu caro John. Às vezes, nestes livros encontram-se muitos assuntos curiosos. Não falando já em artigos de Camilo, Herculano, Júlio César Machado, Guiomar Torrezão, Bulhão Pato, Tomás Ribeiro, e tantos, tantos outros. A obra de muitos escritores anda dispersa por periódicos, almanaques e revistas. Maria Amália, por exemplo, publicou numerosos artigos nos jornais da época, sob o pseudónimo de *Valentina de Lucena.*

— Tens razão, Afonso. Quando falas em livros, tens sempre muito que dizer.

Afonso tirou um livro da estante.

— Aqui tens um almanaque de 1879, isto é, com a bonita idade de 84 anos — exclamou Afonso. — Se procurares bem, encontrarás um artiguinho de interesse, pois diz respeito à tua pátria.

John Smith apurou os ouvidos.

— Que dizes?

— Apenas a verdade. — retorquiu Afonso — É um artigo que trata da origem dos nomes dos estados que compõem o teu glorioso país.

O americano quase arrebatou o almanaque das mãos de Afonso. Percorreu-o àvidamente com os olhos.

— Tens razão. E olha que eu, embora americano, desconhecia o que se diz aqui. Aliás, vim para Portugal em criança, com meus pais, e aqui tenho feito a minha educação, neste país que deu aos Estados Unidos um dos seus grandes libertadores, Pedro Francisco. Ora vamos ver o que diz sobre o Estado onde eu nasci, o Maine. Cá está. *Maine.* Deriva da província do Maine, em França. Assim chamado em memória da esposa de Carlos I de Inglaterra, rainha D. Maria Henriqueta, que possuía a propriedade desta província.

Cheio de interesse, o americano continuou lendo:

New Hampshire, vem de Hampshire, cidade de Inglaterra. *Vermont* é a união das palavras francesas *vert* e *mont,* ou seja *monte verde. Massachussets* é uma palavra índia que significa *país das altas colinas. Rhode Island,* por lembrar a ilha de Rodes. *Connecticut* é também uma palavra índia que significa *rio extenso. New York* chama-se assim em honra do duque de York, a quem Carlos II doou a propriedade deste Estado. *New Jersey* tem este nome em homenagem a Sir George Caster, o primeiro a estabelecer-se ali, depois de governar a ilha de Jersey. *Pennsylvania* vem de William Penn, e da palavra *sylvania,* que significa *floresta. Delaware* tem tal nome em honra de Lord Delaware, governador de Virgínia.

— Então, John, que dizes a esse Almanaque?

— É um verdadeiro achado — retorquiu o americano, continuando a ler.

Arkansas deriva de duas palavras, uma francesa *arc* (arco), a outra índia *Kansas,* que significa *águas lodosas. Tennesee* é uma palavra também nativa que significa *rio grande. Kentucky* é também um termo índio que quer dizer *que está na margem do rio. Ohio* e *Michigan* são palavras também índias que significam, respectivamente, *belo rio* e *rede de pesca. Indiana* quer dizer *país dos índios. Maryland* chama-se assim em honra da rainha Maria Henriqueta, mulher de Carlos I. *Virgínia* recorda a célebre rainha Isabel I, a rainha virgem. *Carolina* evoca Carlos I. *Luisiania* constitui uma homenagem a Luís XIV. *Georgia* lembra Jorge II de Inglaterra. *Florida* significa *festa de flores. Alabama* vem do grego e significa *terra do paraíso. Mississipi* é um termo nativo que significa *pai das águas. Illinois, Wiscousin, Missouri, Iowa* e *Minnesota* são também palavras índias que significam, respectivamente, *illini, homens,* e *ois, tribos, torrente tempestuosa, rio lodoso, águas dormentes* e *águas sombrias.*

— Muito bem — exclamou o americano. — Ora aqui está um almanaque que vale quanto pesa.

— É para que vejas, John, que há livros velhos que nos ensinam coisas novas.

MANUEL FERREIRA

A morte de João XXIII

← *Pág. 1*

perior intuito de ser útil à obra em que tinha posto o coração e promover, assim, a consolação das ovelhas que lhe estavam confiadas.

O seu maior desejo, que todavia não realizou, era o de se tornar o pároco da ignorada aldeia onde nascera. Contudo, os intrincados caminhos da vida desviaram-no desse objectivo para o conduzirem à cadeira pontifical, a que subiu com a mesma lhaneza e solicitude com que se acercaria do altar da modesta igreja paroquial, pois Ângelo Roncalli não procurava as estéreis glórias do mundo, mas a realização dos ideais de Paz e de Unidade entre os homens, condição fundamental para a sobrevivência dos povos nos dias de hoje.

«*Viver na renúncia e na alegria de ter menos do que de ter mais*» era a regra que impunha a todas as suas atitudes. Que mágoa que tão salutar norma de procedimento, numa era de tão vincadas tendências para a avidez e egoísmo, não tenha sido suficiente para iniciar uma era de reabilitação para todos os homens, mesmo para àqueles que, dentro da sua Igreja, mais obrigados estariam a procurar inspiração e orientação no seu chefe.

A tolerância de que o Papa deu bastas provas deu azo a que a sua morte fosse sentida em nações das mais variadas tendências políticas e deplorada pelas autoridades religiosas das mais diversas confissões com manifestações de muito respeito pela veneranda figura de João XXIII.

«Sempre Pronto», ciente também da enorme perda espiritual que a morte do Papa João XXIII representa, acompanha os Irmãos-Escoteiros de confissão católica neste inditoso momento.



TERTÚLIA DO CHEFE

A passagem da Alcateia para a Tribo

Porque insistir aqui na importância da passagem dos lobitos à tribo

Justamente porque não é tão fácil como poderá parecer. Para que teriam servido 4 anos de excelente lobitismo se não forem seguidos por alguma actividade?

O lobitismo não é mais do que uma preparação para a tribo, do mesmo modo que esta é para o Caminheirismo. O lobitismo deve contribuir para que o lobito se torne mais ràpidamente bom escoteiro, mas é necessária uma transição. Esta transição é a passagem à tribo.

Que deve ser a passagem?

Antes de tudo, deve ser uma cerimónia regulamentada para que tudo se realize sem atrapalhações, porque esta cerimónia não é sòmente útil, mas também necessária, para suprimir as dificuldades que surgem muitas vezes nesta transição.

— Algumas Aquelás encontram-se embaraçadas no último momento, diante de situações desagradáveis por não terem sido previdentes ou por terem ignorado o que era necessário fazer.

— O Chefe da Tribo quer arrebatar, antes das actividades de verão, os três guias de bando de 12 anos com os quais elas contavam, ou melhor, é um lobito que não quer passar para a tribo porque não foi (suponho eu) preparado para isso, ou então é a Aquelá que deseja forçar a passagem de um lobito de 11 1/2 anos, porque ele está intolerável, e é o Chefe que não o quer sob o pretexto falso (dirão as Aquelás) de que é demasiado jovem.

— Que fazer para não ter todos esses contratempos e para fazer progredir o antigo lobito

Precisamente uma passagem bem realizada, portanto, devidamente preparada.

— Preparada por quem?

Pelo Chefe de Tribo com os pais e sobretudo com o lobito.

— Porque dizer isto à Aquelá e não ao Chefe?

Muito simplesmente porque és tu, Aquelá, quem tem a responsabilidade do teu lobito até que ele seja entregue nas mãos do Chefe, após a passagem.

És tu que deves impor uma passagem preparada.

Se para o Chefe o teu lobito é aspirante «como os outros», para ti é o teu antigo lobito e tu deves desejar vê-lo progredir bem. De guia do bando, cheio de insígnias, admirado por todos, ele vai tornar-se de um dia para o outro em aspirante que deverá obedecer e que será, talvez, encarregado de todos os serviços (e isto não é muito fácil de fazer aceitar a um rapaz com 12 anos).

Porque se considera útil passar um lobito para a tribo?

Os antigos lobitos dividem-se segundo os dois tipos seguintes:

O turbulento e o tímido.

O turbulento pode ser—teimoso, grosseiro, irritante, zombador, irónico, mau, mas tudo isso pode resumir-se, na maior parte das vezes, num só adjectivo «ele está saturado». Efectivamente após 4 anos de lobitismo, apesar da diversidade de actividades, a inspiração desbordante das Aquelás, variedade das técnicas, ele sabe tudo, e isso é natural.

Alguns dizem francamente que não querem permanecer na Alcateia, mas outros nada dizem (porque não gostam da mudança e também porque estão com os seus companheiros preferidos) e continuam a provocar a desordem, voluntária ou involuntàriamente, estando saturados, conhecendo tudo. Eles podem enfartar os mais novos ao fazer-lhes conhecer em 15 dias o que vós desejaríeis que conhecessem em 3 meses: E tudo isto pode surgir muito depressa. Um lobito de 11 1/2 anos pode, em 2 meses, de bom guia, entusiasta, vivo e activo, que era, tornar-se insuportável, irritante e mau elemento.

O tímido é, por natureza, sentimental, gosta de estar onde está, ama o tema da selva, admira a sua Aquelá, é bastante «menino de saias» e contudo tem 12 anos.

Que fazer?

— Passá-lo para a tribo!

Ah! Chefe, mas pensei nisso, ele é tão jovem, tão tímido, ele ama ainda os lobitos, é bom guia e tenho necessidade dele.

Se vós o quiserdes, e isso já se viu, (lobito de 13 anos), ele tornar-se-á efeminado e para que terão servido 4 anos de lobitismo se não se torna nem escoteiro nem caminheiro?

O Chefe, a teu pedido, ocupar-se-á um pouco mais dele e experimentará compreendê-lo e, geralmente, conseguirá, porque se ele não tem, talvez, tanta intuição como a Aquelá, tem, no entanto, boa vontade e isso é que conta.

A última edição do Regulamento (1947) é formal quanto à idade dos lobitos: 8 a 12 anos. Sim, em caso algum um lobito com mais de 12 anos pode continuar na Alcateia — e isso para seu bem antes de tudo. Acontece que passam para a tribo lobitos com 11 1/2 anos. Contudo, este hábito não pode tornar-se regra; é uma decisão mútua entre a Aquelá e o Chefe; que devem decidi-lo depois de estudados os diferentes casos (aptidão física, maturidade, desembaraço). Um Chefe não deve aceitar um lobito demasiado novo, porque a vida escoteira é, sobretudo, uma vida de patrulha dirigida por um guia de 15 anos e não pode pedir a este que se torne em ama seca.

Além disso, se um lobito for aceite muito novo na Tribo é muito raro que ele aí permaneça até aos 16 anos porque satura-se antes de ter tido a responsabilidade de guia de patrulha, o que lhe teria proporcionado óptima novidade.

Para não ter lobitos saturados antes de tempo não devem ser aceites antes da idade própria e para que eles possam tornar-se caminheiros convém não os passar à tribo muito novos.

A Passagem

A chegada à Tribo é ainda mais importante que a partida da Alcateia e é efectivamente o primeiro contacto que conta.

Uma cerimónia, ainda que breve e simples, como seja uma grande saída em comum. Em certos grupos existem tradições: é no dia da saída do grupo que se faz a passagem dos lobitos, partida da Alcateia, recepção na Tribo, tudo decorre normalmente. É uma grande coisa se esta actividade for tomada a

Pág. 6 ——→

O Grupo N.º 8 dos Escoteiros de Portugal comemorou o 8.º ano da sua fundação

As comemorações do oitavo aniversário do Grupo n.º 8 revestiram-se de muito significado e serviram para patentear não só o desenvolvimento daquela unidade, mas sobretudo o nível elevado de Escotismo que ali se pratica. À respectiva sessão comemorativa que se realizou no sábado, dia 4 de Maio p. p, presidiu o E. C. sr. Albano da Silva, Secretário-Geral da A. E. P., que se apresentou uniformizado e representava a Direcção-Central, dando a sua direita aos srs. Ernesto de Sousa, antigo chefe do Grupo 1; Daniel Correia e Luís Simões Aurélio. E a esquerda aos srs. Rev. Carlos Vasconcelos, Alfredo Gallis e ao Director de *Sempre Pronto*.

A sessão abriu com o hino do grupo «Guarda o Forte...» e a leitura do Salmo 23 pelo sr. Rev. Carlos de Vasconcelos, depois de ter sido feita oração. O nosso Director fez a apresentação do sr. Simões Aurélio, a quem cabia a conferência sobre Escotismo, afirmando que era agradável apresentar um amigo dedicado, de quem se podia afirmar que era Escoteiro e que tendo passado pelas nossas fileiras na tenra idade de lobito de tal forma apreendeu os ideais escoteiros que pela vida fora tem dado firme testemunho da sua formação. Era além disso uma pessoa muito culta, dedicada ao estudo, que sabia transformar em amigos todas as pessoas que com ele se relacionavam e que todos os presentes se felicitariam por ter oportunidade de escutar.

O orador começou a sua conferência por afirmar a eficiência do método educativo escoteiro. Porque esta palestra se revelou de muito interesse, publicamo-la noutra página quase na íntegra.

Depois da sua palestra, o orador dirigindo-se aos escoteiros e contando diversos factos da sua vida relacionados com o Escotismo, citou que durante os seus estudos secundários tivera a felicidade de encontrar sempre muito bons professores. Entre estes, porém e sem menosprezo para os restantes, havia um que se destacava pela forma como se relacionava com os alunos. Desde a primeira aula vincou a sua norma de disciplina, tendo estabelecido que não admitiria faltas desta natureza, no entanto nas aulas seguintes de tal forma captava a atenção e a simpatia dos alunos que estes, terminada a aula, ficavam ainda durante os minutos de intervalo a ouvir os seus conselhos, expondo-lhes os seus problemas, as suas dificuldades, e o professor tinha sempre uma palavra de esclarecimento, mesmo que o conselho pedido se não referisse à matéria de estudo. Este professor estava ainda sempre junto dos alunos para os apoiar e orientar na execução de iniciativas e empreendimentos que então foram promovidos, como fosse a cantina escolar e a associação de antigos alunos

Passaram-se os anos e o orador afirmou que a estima por este professor não diminuíra e sempre o saudava com respeito. Um dia, tendo-o encontrado no carro eléctrico, este vê a insígnia dos antigos escoteiros na lapela do seu antigo aluno e diz-lhe: «Você foi escoteiro? Está explicado porque aquela rapaziada era uma rapaziada diferente! Um Escoteiro é sempre um rapaz diferente!» Em face desta exclamação, o orador interrogou por sua vez: «Então o Senhor Professor também foi escoteiro?» Resposta pronta: «Sim no antigo grupo n.º 3 do Liceu Pedro Nunes». Foi altura do antigo aluno retorquir: — «Então permita-me que lhe afirme também que um Professor escoteiro é sempre um professor diferente». E terminou apelando para os jovens escoteiros para que fossem diferentes dos rapazes que por falta de Escotismo e da educação que ele faculta se encontravam nas nossas ruas dependurados nos eléctricos e noutras atitudes pouco recomendáveis.

As últimas palavras do orador foram coroadas por uma vibrante salva de palmas pela numerosa assistência, enquanto os escoteiros cantavam a saudação «Para mim és um bom companheiro...»

Prestaram Compromisso de Honra oito novos Escoteiros

O E. C. Idílio Gonçalves, que anteriormente tinha já saudado todos os presentes e agradecido a comparência das representações dos grupos 10 e 14, bem como do chefe Mário Fernandes, e manifestado o seu reconhecimento pela presença do sr. Albano da Silva em representação da Direcção da A. E. P., voltou a usar da palavra para citar os novos escoteiros, tendo pedido ao antigo E. C. sr. Ernesto de Sousa para dirigir palavras de estímulo aos novos membros do Grupo. Este falou lhes sentidamente, contando episódios da vida do antigo Grupo 1, que serviram para afirmar que a vida do escoteiro era uma vida alegre, de uma alegria íntima, que valia a pena viver.

Solenemente, prestaram depois compromisso os novos escoteiros José Luis Terramoto, José Augusto Rodrigues, Júlio Nogueira, Carlos Alberto Pereira, Vítor Manuel de Jesus, António Alberto Faria, Adelino das Neves e Alexandre Luís.

Foram ainda distribuídos diversos prémios. Assim a patrulha Falcão recebeu uma tenda e um saco de água, prémios do concurso «Honra e Mérito». A patrulha Tigre recebeu uma tenda como prémio da melhor patrulha em concursos regionais A patrulha Lobo recebeu uma pá, uma picareta e um machado, prémio do concurso-relâmpago deste ano. Foram também entregues os seguintes prémios individuais: talheres campistas aos guias João Manuel Ramos e Carlos Teixeira Camilo, e um apito ao guia Armando dos Santos Reis.

O Sr. Ladislau Pinheiro recebeu a medalha de agradecimento

Uma das virtudes mais cultivadas pelos escoteiros é a gratidão. Os escoteiros sabem ser gratos e por isso o Grupo 8 prestou homenagem ao presbítero sr. Ladislau Pinheiro, que há oito anos tem dispensado àquela unidade um patrocínio constante. Por proposta do Chefe do 8, a direcção da A. E. P. concedeu a Medalha de Agradecimento, que foi colocada no seu peito pelo E. C. Albano da Silva, que lhe dirigiu palavras de apreço pela amizade dedicada aos escoteiros do 8. O sr. Pinheiro agradeceu sensibilizado, dizendo que não esperava qualquer retribuição pela simpatia e estima dedicada aos rapazes do Grupo 8.

A encerrar, o presidente da mesa manifestou a sua satisfação por ter podido estar presente naquela festa e afirmou que o Grupo 8 segue o rumo e método de trabalho do antigo Grupo 1, declarando que era até significativo que os escoteiros que estavam na mesa, com duas únicas excepções, fossem antigos membros daquele grupo. Teve ainda palavras de muito apreço para o conferencista, sr. Simões Aurélio, e terminou depois de entregar ao chefe do grupo um excelente manual escotista inglês, que disse poderia servir de inspiração para a actividade do grupo, dada a possibilidade que o Chefe Idílio Gonçalves tinha de o ler.

A festa terminou com uma parte recreativa durante a qual os escoteiros ofereceram a comédia «Uma consulta maluca» e filmes escoteiros acerca de Jamboris mundiais e dos Estados Unidos.

O culto de acção de graças

No Domingo, realizou-se no templo da Igreja Presbiteriana na Rua Febo Moniz um culto de acção de graças pelos oito anos de actividade. O serviço foi dirigido pelos srs. revs. Luís Boaventura e Carlos Vasconcelos, tendo pregado o rev. sr. João de Soares de Carvalho, que falou sobre a alegria e os seus fundamentos, tendo dirigido palavras de saudação ao grupo aniversariante.

O almoço de confraternização

À tarde, na sede, os escoteiros reuniram-se num almoço de confraternização com dirigentes e amigos do grupo. Estavam presentes os srs. Luís Simões Aurélio, rev. Carlos Vasconcelos, rev. Luís Boaventura, Ladislau Pinheiro, Eduardo Ribeiro, com as respectivas esposas; Ernesto de Sousa, Capitolino Macedo e filho, e os chefes Armando Inácio, José E. Pena Ribeiro, Armando Morais, João Constantino, Idílio Gonçalves e todo o efectivo do grupo. Estavam também presentes a sr.ª D. Ilda Figueira e José Luís da Silva, do Funchal, tendo esta senhora manifestado a sua satisfação pelo acolhimento dispensado a este jovem que se encontra no serviço da marinha.

O sr. Simões Aurélio aproveitou para oferecer ao Grupo um exemplar da obra «Virtudes Militares», da autoria do nosso dedicado leitor o sr. General Ferreira Martins, afirmando que os escoteiros encontrariam ali admiráveis exemplos de generosidade, civismo, abnegação, heroísmo e amor da Pátria.

Depois do almoço, os escoteiros ofereceram uma festa recreativa a todos os presentes e a outros amigos que então os visitaram.

Sempre Pronto felicita o Grupo 8 pelo seu aniversário e, sobretudo, pelo progresso e nível desta unidade unânimemente reconhecidos, o que vem confirmar o que nestas colunas afirmámos por ocasião da entrevista feita ao Chefe Idílio Gonçalves.

■ ■

O 10.º aniversário da COMPANHIA DE GUIAS «RAINHA D. LEONOR»

No dia 13 de Maio p. p., esta Companhia de Guias, a primeira fundada em Portugal depois da reorganização deste Movimento, comemorou a passagem do seu 10.º aniversário.

As cerimónias tiveram lugar no Templo da Igreja Presbiteriana

——————→

A passagem da Alcateia para a Tribo

←———— *Pág. 4*

sério. Se ela se tornar uma mera formalidade, que se faz no fim da saída antes da retirada para chegar à hora, isso torna-se deplorável.

Se nada se fizer, os lobitos começarão demasiado mal a sua vida de escoteiro. Uma passagem de lobito deve ser simples, com um certo estilo. Qualquer coisa de cuidado, de limpo, enfim, de escoteiro.

Eis um exemplo:

No ano passado, era necessário passar dois guias de bando, fortes em técnica desembaraçados, muito amigos. A Aquelá convocou-os um domingo e entregou-lhes um mapa, uma bússola e, sempre subordinada ao tema da Alcateia, disse-lhes que eles tinham uma grande pista a percorrer e que iam atravessar a selva para entrar no bosque. Como era em Paris, os lobitos tomaram o Metro e chegaram à mata (eram seguidos discretamente por um caminheiro experimentado), perderam-se, procuram o seu caminho e chegaram ao local indicado no mapa. Aí uma Tribo, esperava-os com toda a solenidade e em sentido. Apresentação com estilo e humor, 12 escoteiros enunciaram a Lei, canta-se juntamente a «Canção da Alegria» segue-se o almoço e, na parte da tarde, um grande jogo em que os antigos lobitos foram convidados de honra.

Pode-se, também, fazer a saída de Alcateia para a Tribo na própria sede. Durante a «caça» dos lobitos, chegam à sede os escoteiros.

A passagem pode igualmente ser feita na sede no fim duma reunião. A Tribo e a Alcateia concentram-se nas duas extremidades; os lobitos, ao chamarem pelos seus nomes, declaram a sua idade, funções, nível técnico, e são recebidos pelos gritos de saudação escoteiros.

A preparação da passagem é muito importante

Ela não pode fazer-se, em caso algum, separadamente; a Aquelá deve falar largamente com o Chefe para que este conheça o rapaz antes da sua passagem como se já o tivesse tido no grupo uma ou duas vezes e isso para preparar a saída, tendo em conta o carácter do lobito.

Se ele é sensível, não fará provas de aptidão. Se é um intelectual, que não gosta de bater-se, não se organizarão actividades demasiado barulhentas.

É preciso que o lobito sinta imediatamente que se ocupam dele pessoalmente e que a Tribo se fez para si. É por isso que é preferível fazer a passagem de diversos lobitos. As melhores datas para a passagem da Alcateia para a Tribo são as seguintes: Em Outubro, na primeira saída do ano; em Janeiro e, se necessário, um pouco antes do acampamento da Páscoa.

Salvo o caso particular em que o lobito se recuse a passar para a tribo não obstante a intervenção da Aquelá, o Chefe, quanto a mim, não deve ver o lobito antes da passagem. É a Aquelá que, tendo começado a prepará-lo para escoteiro a partir dos 11 anos, dissipará aqueles temores que residem em cada futuro escoteiro. Será ela quem lhe dirá que o período bárbaro em que se marcavam os lobitos para que se tornassem escoteiros, cheios de cicatrizes e de recordações desse famoso dia, já não existe. Será igualmente a Aquelá, que tendo a confiança dos pais, deve convencê-los a enviar o seu rapaz aos escoteiros explicando-lhes que as actividades e que a vida um pouco mais rudes da tribo são mais adaptadas à sua idade. Muitas vezes é nesta ocasião que os pais tomam consciência de que seu filho já não é um bebé.

O jovem escoteiro

O aspirante oriundo da Alcateia reconhece-se de longe. Ele não é caloiro. Se é tratado como aspirante é mais por uma questão de vocabulário do que de convicções. Cheio de aptidões técnicas e de qualidades físicas o lobito possui o que raramente se encontra: bom humor, boa vontade, e um sentido de disciplina. Está pronto a obedecer aos velhos lobos, que são para ele o seu Chefe de Tribo e o Guia de Patrulha ou mesmo o 5.º da Patrulha. No começo, é todo entusiasta, ardente, passa as provas técnicas, varre a sede, limpa e arruma o material. É a força viva da patrulha. Pouco depois passa as suas provas de aspirante, faz a sua Promessa e é admitido na patrulha.

As actividades duma Tribo são feitas para rapazes de 12 anos e todo o rapaz desta idade, normalmente constituído, pode acompanhar todas as actividades, um antigo lobito com mais forte razão portanto.

Seria muito interessante que conhecêsseis melhor as actividades da Tribo do vosso Grupo local a fim de poderdes responder às perguntas que certamente vos apresentarão os lobitos, futuros escoteiros, para os quais prepararei, espero, uma passagem em comum.

P. Frantz e J. Cochaud

Traduzido pelo E. C. Idílio Gonçalves de «Le Lien» dos Éclaireurs Unionistes de France.

O CAMINHEIRO E A VIDA...

Porque não existe quase caminheirismo entre nós

Um pedido de um Caminheiro

Pode-se contar pelos dedos o número de caminheiros de Lisboa, cidade com tantos rapazes.

Mesmo poucos, quase se desconhecem uns aos outros. Porquê?

Razões quase todas elas fúteis, que só estragam o prazer de pertencer ao nosso movimento.

O Caminheiro, entre nós, quase só tem o destino de ser Chefe ou pedir a demissão por motivo de força maior.

E que força maior! — É já um homem, as «garotas» não gostam dele em calções e, ainda para mais, cheio de miúdos de roda.

Para provar que é homem ele sai do movimento.

A maioria faz a pergunta habitual: Para quê andar fardado? Já sei tudo. Aqui já nada posso aprender, ou não será?

E é assim a realidade. Nada o prende ao movimento. E que inúmeras coisas eles desconhecem e poderiam aprender! Em que inúmeras coisas podiam colaborar!

Uns resistem, são os chefes, os «carolas», como são chamados e contam-se pelos dedos os chefes jovens. Os outros foi o dever que os prendeu, muito embora, no melhor dos casos, já pudessem só pertencer à direcção dum grupo, mas não quiseram ver o grupo, aquele que tamanhas alegrias lhe tinha dado e que poderia ainda ser tão útil, ir por água abaixo. Lá vão ensinando muitas vezes coisas que não sabem, claro está, com o melhor de todas as intenções.

Porque acontece isso?

A CULPA É VOSSA! É VOSSA!

Os jovens de 16 a 17 anos precisam de nós! E nós deles precisamos.

Precisamos de estar unidos. Não os deixem fugir!

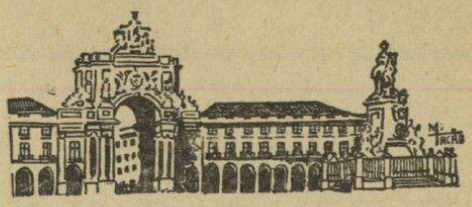
Deixem-se de zangas que só nos envergonham! Sejam Escoteiros... Irmãos uns dos outros.

UM ESCOTEIRO MODERNO

H. M.

Uma conferência de Luís Simões Aurélio

O Escotismo forma rapazes diferentes



É para nós bastante confrangedor o espectáculo que na vida quotidiana da cidade se nos depara o de vermos grupos de rapazes que, dependurados nos eléctricos, proferem entre si palavrões dos mais soezes e, insultando passageiros e pessoal, desligam o *troley*, causando transtornos, paralisações e, tantas vezes isso acontece, ao avistarem a polícia ou o condutor que os vêm sacudir, se desprendem precipitadamente sendo colhidos pelo veículo que vem atrás. Triste espectáculo este, na verdade, pelo que revela como índice da falta de educação duma parte da nossa juventude. Tais rapazes, porém, não devem ser por nós olhados com antipatia, pois são o produto do meio ambiente em que vivem, na maioria dos casos provenientes de famílias que não souberam prepará-los, porque a educação ainda antes da Escola começa na Família.

Espectáculo confrangedor, na verdade, mas para nós, Escoteiros, consolador, se assim podemos dizer, apenas por termos a certeza de que tais rapazes não são ou não foram Escoteiros. Afirmamo-lo com toda a nossa convicção, porque *o Escoteiro é um rapaz diferente*. Ainda que os rapazes que militam nas nossas fileiras quisessem acamaradar com tais jovens, o espírito e a essência da Lei Escoteira, de que se acham compenetrados, jamais lhes consentiria tal camaradagem.

Antes, porém, de entrarmos na análise do Escotismo como movimento educativo, e com a finalidade de evidenciarmos o vasto lugar que veio a ocupar entre todos os movimentos de educação da juventude, necessário se torna que recuemos no espaço e no tempo a épocas bem remotas.

Quanto melhor for preparada e educada a criança melhor será a sociedade em que virá a desempenhar o seu papel

Muitos séculos decorreriam ainda na história da Humanidade antes que o Homem tomasse verdadeira consciência da posição da criança na sociedade. E que assim era, basta notar que na Antiguidade se conferia ao pai o direito de vida ou de morte sôbre os seus descendentes e, na Idade Média, o pai, abstraindo o lado puramente afectivo inerente a todos os pais, apenas via no filho o herdeiro ou o continuador e pouco mais, confiando aos colégios ou conventos a sua educação, da qual totalmente se alheava, até ao momento da sua entrada no mundo, mas, entenda-se bem, no mundo das grandes pessoas, pois que os filhos do povo viviam na total ignorância. Sòmente no decurso do século XVIII, com Jean Jacques Rousseau, célebre filósofo e escritor francês nascido em Genebra, e com o suíço Pestalozzi, seu discípulo, que defendeu a necessidade da instrução das crianças pobres, se começaram a processar os modernos conceitos da Pedagogia da criança, que vieram a tomar notável impulso nos fins do século XIX e começo do actual com a notabilíssima pedagoga italiana Dr.ª Maria Montessori, o Dr. Decroly, eminente médico e pedagogo belga, aos quais devemos ainda juntar os nomes de Claparède, na Itália, e Thompson Seton, nos Estados Unidos. O mundo começa então a formar um melhor conceito do papel e do lugar da criança e esta adquire, digamos, o direito de cidadania, pois só então se compreende que quanto melhor for preparada e educada a criança, olhada então como o «homem de amanhã», melhor será a sociedade em que, no futuro, virá a desempenhar o seu papel.

A par de toda esta evolução, a concentração industrial e urbana, obrigando as populações a viverem em massa, cria à mocidade novos vícios, enfraquecendo-a. É então o momento em que homens generosos e idealistas, levados uns por conceitos filosóficos outros ainda por sentimentos religiosos, procuram captar a juventude levando-a a ocupar as suas horas de ócio, tantas vezes prejudiciais sob o ponto de vista moral, em passatempos saudáveis. Surgem então as sociedades de ginástica, o desporto, as «Boys' Brigades» na Inglaterra e, ainda neste país, esse notável movimento de preparação moral, espiritual e física, mundialmente conhecido pelas iniciais Y. M. C. A., a chamada «Young Men's Christian Association», que, traduzido em português, significa Associação Cristã da Mocidade, e um largo papel viria a representar na expansão a propaganda do Escotismo no Mundo, tal como entre nós aconteceu, pois foi na sede desta Associação, em Lisboa, que se fundou o 1.º Grupo de Escoteiros no continente português e, dizemo-lo no continente, porquanto já em Macau o Comandante Álvaro de Melo Machado havia iniciado o movimento nessa longínqua terra portuguesa de além-mar.

Ao lado dos mais destacados pedagogos um nome se projecta — Baden-Powell

Enfileirando ao lado dos mais destacados pedagogos, um nome se projecta, Baden-Powell, o general fundador do Escotismo. Dotado de extraordinárias qualidades de observação e perspicácia, conhecendo, como poucos, a Natureza e os homens, e tendo vivido uma vida emocionante de aventuras de guerra, de espionagem e de viagens, esse homem enérgico e decidido escreveu em 1898 um livro para a valorização da mocidade inglesa, a que deu o nome de «Aids to Scouting». O acampamento da ilha de Brownsea, em 1907, no qual 24 rapazes, os primeiros escoteiros do mundo, durante quinze dias, entre Julho e Agosto, ouvem, não, um teórico, e não ser teórico em problemas de educação é importantíssimo, mas sim um oficial britânico irradiante de simpatia e de prestígio, que com eles convivia e punha em prática o seu sistema, esse acampamento — dizíamos — marca a data oficial da fundação do Escotismo, de cuja experiência resultaria, em 1908, o aparecimento do livro «Scouting for Boys», que alcançou um êxito clamoroso e ràpidamente se difundiu pelo mundo traduzido nas mais variadas línguas.

O princípio, meio e fim da obra educativa devem consistir em formar o carácter e criar pessoas. E o que é o carácter?

Num trabalho que, em tradução do nosso dedicado companheiro Escoteiro-Chefe Eng.º José Maria Nobre Santos, está sendo publicado nas colunas de «Sempre Pronto», lê-se quanto a nós uma das mais notáveis definições de carácter: «A educação dentro de elevados ideais, na confiança em si, no senso do dever, no respeito por si próprio e em relação aos outros, estes atributos são, numa palavra, os que fazem aumentar o carácter».

———→

ESCOTISMO NA CAPITAL

O 11.º Aniversário do Grupo N.º 10

Esta briosa unidade dos Escoteiros de Portugal, com sede na Rua Tomás da Anunciação, n.º 56, comemorou no dia 23 de Maio passado o seu 11.º aniversário. Presidiu o sr. Luís Grau Tovar de Lemos, Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto, ladeado pelos sr. eng.º J. M. Nobre Santos, Director da Escola Central de Chefes; rev. Augusto Esperança, Presidente da Direcção do Grupo; e D. Afra Soares, chefe da Companhia de Guias Rainha D. Leonor.

Abriu a sessão o chefe Relvas Pereira, que leu a ordem de serviço, e o sr. rev. Esperança proferiu uma interessante palestra sobre a honra do Escoteiro, pondo em foco a digna figura de Egas Moniz.

Tendo sido nomeados chefes de tribo e de alcateia, respectivamente, os caminheiros David Nobre Tomás e Armando Morais, o sr. eng.º Nobre Santos recebeu a ratificação do Compromisso de Honra, que ambos verbalmente prestaram. O chefe David Tomás recebeu depois o compromisso dos novos escoteiros Rúben Duarte e Vítor Saraiva, entregando a diversos escoteiros insígnias de classe e estrelas de serviço.

Também o chefe Armando Morais recebeu a promessa dos lobitos Vítor Guiso e Alexandre Silva. A encerrar, as Guias de Portugal entregaram umas fitas comemorativas do aniversário, que foram colocadas no estandarte do grupo, bem como a estrela de 11 anos colocada pelo Chefe Tovar de Lemos, que proferiu algumas palavras de felicitação para o Grupo 10.

Os escoteiros ofereceram depois uma festa recreativa com canções, poesias e o episódio cómico «Viram para aí a Tomásia», que agradou bastante à assistência.

Companhia de Guias «Rainha D. Leonor»

←——— *Pág. 5*

de Lisboa, na Rua Tomás da Anunciação, n.º 56, tendo havido um culto de acção de graças em que o Sr. Rev. Augusto Esperança, pastor e assistente espiritual, fez brilhantes considerações sobre o 1.º artigo do Compromisso de Honra: «Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria». Seguidamente, realizou-se a parte escotista, tendo sido constituída uma mesa de presidência, na qual vimos, além do Sr. Rev. Esperança, a Sr.ª D. Cremilde Soares, delegada da Associação das Guias de Portugal; os Chefes dos Grupos n.os 8, 10 e 14, que enviaram também deputações de escoteiros dos seus grupos, e o Administrador do «Sempro Pronto».

A Guia-Chefe D. Maria Afra Soares proferiu palavras alusivas à actividade da Companhia de Guias e ao trabalho desenvolvido durante estes 10 anos.

Procedeu-se à colocação da 10.ª estrela na bandeira da Companhia de Guias «Rainha D. Leonor», que recebeu também fitas de homenagem da parte das Sr.as D. Cremilde Soares e D. Celeste Borges. A menina Ana Maria Leandro e as Sr.as D. Celeste Borges e D. Lucinda Vieira fizeram o seu Compromisso de Honra, esta última como dirigente da Divisão de Avezinhas.

Foi lida uma carta de saudação da chefe fundadora da Companhia, Sr.ª D. Júlia Ribeiro, e os representantes dos Grupos e deste jornal, por sua vez, saudaram também a Companhia de Guias, pela passagem do seu aniversário.

As cerimónias terminaram com a entrega de insígnias de cargo e estrelas de serviço a várias Guias.

REFINARIA
DO ULTRAMAR

os melhores açúcares refinados

AV. DA ÍNDIA

LISBOA

Luís Alves Miguel

Recebeu a medalha de mérito desportivo

O Antigo Escoteiro e nosso dedicado amigo e assinante sr. Luís Alves Miguel foi recentemente distinguido pelo sr. Presidente da República com a Medalha de Mérito Desportivo, justa recompensa pela sua constante dedicação ao desporto, particularmente à natação, de que foi valoroso praticante e dirigente activo e prestante.

Para nós, Escoteiros, este galardão é particularmente significativo porque Luís Alves Miguel interessou-se pela natação através do Escotismo. Pertencia ao Grupo n.º 2 e iniciou aquela prática para satisfazer provas escoteiras aproveitando uma oferta que o Clube Naval fez em 1914 à Associação dos Escoteiros de Portugal. Através dessa colaboração e cooperação do «Naval» os desportos náuticos ganharam diversos elementos que faziam parte dos três grupos de escoteiros e vieram a ocupar posições brilhantes.

Luís Alves Miguel foi um desses escoteiros e a sua contribuição para o desporto, as provas e prémios que conquistou bem justificam o galardão que agora lhe foi concedido.

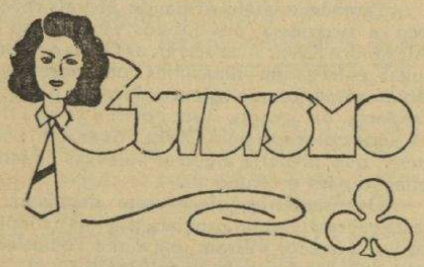
Jubileu do Escotismo Português

Temos uma rectificação a fazer à legenda da gravura que publicámos no último número. Foi-nos gentilmente indicada pelo nosso dedicado amigo Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, que nos diz:

«O que é designado por João Pedro de Figueiredo, sou eu. Não parece, mas sou! E o meu irmão é o segundo não identificado da quarta fila. Foi minha mãe que nos reconheceu.

«Creio que devia esta explicação para melhor interpretação da interessante fotografia dos bons tempos passados».

Agradecemos o esclarecimento e a atenção e felicitamos respeitosamente sua Mãe pela excelente visão de que ainda goza, apesar dos longos anos de prestimosa actividade na educação e ensino.



Companhia Rainha Santa Isabel

QUERER É PODER...

Não há dúvida que ao pretender-se organizar qualquer grupo, actividade ou obra, hão-de sempre aparecer obstáculos que muito entristecem todos quantos a esse trabalho se dedicam. Todos os contra-tempos são, em devido tempo, resolvidos.

O caso da Companhia de Guias «Rainha Santa Isabel» obra desconhecida na Região do Norte, tem tido esses escolhos por se tratar, a nosso ver, de uma obra de meninas e os pais emperram os serviços por não estarem habituados a ver suas filhas nesses trabalhos.

Mas como «Querer é Poder», não tem a Companhia Rainha Santa Isabel esmorecido e tem dado cumprimento à missão que jurou servir para bem da juventude feminina e da obra das Guias de Portugal nesta cidade.

Esta Companhia, fundada em 15 de Abril de 1962, ainda não sucumbiu aos acontecimentos e embora desfalcada de inúmeras Guias que, então, «juraram servir», continua a enraizar, dando provas do seu poder de acção, prestigiando desta forma a obra do seu Fundador.

ACTIVIDADES

No seu primeiro período de existência foram realizadas algumas actividades. Assim pudemos registar algumas visitas a campos escotistas, festas de representação, procissões e outras, merecendo nota especial a nossa deslocação a Oliveira do Douro, em Vila Nova de Gaia, a convite da Comissão Organizadora do Cortejo de Oferendas ali realizado, onde nos coube a grata missão de angariar fundos para a construção da Escola Primária e de uma Creche no Lugar da Formigosa daquela Vila. Cumprida a nossa missão, fomos bastantes elogiadas pelo povo, retirando satisfeitas pelo dever cumprido, em prol da criança.

MARIA ISABEL LEITE

Chefe da Companhia

O Escotismo forma rapazes diferentes

Só é um homem aquele que educou a sua vontade para a acção, a sua consciência para o culto da honra e o sentimento para a prática das grandes e nobres virtudes

Só é um homem aquele que educou a sua vontade para a acção, a sua consciência para o culto da honra e o seu sentimento para a prática das grandes e nobres virtudes. O espírito e essência da Lei Escoteira são bem o decálogo de tão largos objectivos.

Qual a razão pela qual havendo outros movimentos de educação de jovens, o Escotismo conquistou o rapaz que por ele passou e subsiste pleno de seiva e de actividade após mais de cinquenta anos decorridos desde o seu início?

Qual o segredo de tal êxito?

Aqui se agiganta o nome de Baden-Powell e da sua original obra de criação educativa. O segredo fundamental do êxito reside, podemos afirmá-lo, no tão discutido *sistema de patrulhas*. Constitui a patrulha um grupo de 5 a 8 rapazes entre os 12 e os 16 anos. Estes escolhem entre si o seu guia, que pode não ser o mais velho de entre eles, mas aquele em que os companheiros reconhecem um maior somatório de qualidades de energia e de orientação. No grupo, composto de várias patrulhas, cada uma delas resolve os seus problemas.

Os rapazes, quase sem darem por isso, vão-se habituando a resolver os assuntos que se lhes deparam, criam a sua personalidade, o sentido da responsabilidade, criam uma individualidade própria e tomam consciência do seu valor e da sua capacidade através das provas que prestam para a obtenção das insígnias de diversas especialidades. Na vida ao ar livre, nas actividades de campo, os rapazes aprendem a melhor conhecer e amar a natureza, vencendo as múltiplas dificuldades que o campo lhes oferece.

Todo o sistema concebido por Baden-Powell assenta no princípio da Disciplina, Observação, Resistência Física, Patriotismo, Espírito de Cavalaria, Sentimento da Honra, Dedicação ao Próximo, e Vida ao Ar Livre.

Desnecessário, pois, se torna dizer que rapazes educados dentro de tão elevados conceitos, se tornam *rapazes diferentes* e, mais tarde, quando na Sociedade ocupam o seu lugar de homens, conseguem ser homens conscientes dos seus deveres e dos seus direitos, conhecendo muito bem tudo quanto a uns e outros é inerente.

O Escotismo não pretende reformar politicamente a sociedade, tal não é o seu objectivo, mas pode, isso sim, modificá-la moral e espiritualmente.

Bem hajam pois as Famílias dos nossos Escoteiros mandando-os às fileiras do Escotismo. Com essa vossa atitude, estais contribuindo para a formaçao dum mundo melhor e duma sociedade mais perfeita.

LUÍS SIMÕES AURÉLIO